

# SUJEIRA E IMAGINÁRIO SOCIAL URBANO NO BRASIL

Mauro Guilherme Pinheiro Koury

## Introdução

Este artigo busca compreender o imaginário social urbano do homem comum, brasileiro contemporâneo, através de uma enquete sobre o que é sujo ou sujeira para eles. Apresenta as principais categorias sobre o que os entrevistados consideram como *sujo* e discute a importância da categoria sujeira para o entendimento do Brasil urbano atual.

O principal objetivo deste artigo, portanto, é o de levar o leitor para um passeio no imaginário urbano nacional e nas vivências, reflexões e comparações emitidas pelos entrevistados que se dispuseram a responder a enquete.

## Sujeira e imaginário urbano

Um balanço da literatura sobre a importância da noção de sujo ou sujeira nas ciências sociais se faz necessário. Os significados do adjetivo sujo encontrado em vários dicionários da língua portuguesa (BUARQUE DE HOLANDA, 1980; BUARQUE DE HOLANDA, 1992) vão dos sentidos da falta de limpeza a sordidez; de algo manchado a maculado; de algo ou alguém infeccionado ou contagiado; até a referência a alguma coisa com muitas incorreções ou emendas.

Dentro de um contexto físico, a noção de *sujo* ganha o significado de um horizonte brumoso e mal definido. Em termos figurativos, sujo tem o significado de algo ou alguém que encerram elementos, dados, informações inconvenientes ou prejudiciais; bem como sinaliza algo ou alguém indecente, indecoroso e imoral. Chega mesmo a afirmar alguma coisa ou pessoa indigna, desonesta sórdida ou canalha.

O emprego da palavra no Brasil ganha os sentidos de alguém desmoralizado e que perdeu o crédito e em alguém em quem não se pode confiar. Contém ainda uma concepção relacional disposta nos ditados “*rir-se o sujo do mal lavado*” ou “*rir-se o roto do esfarrapado*”, onde se zomba de alguém por falha que também lhe é própria. Em muitos casos, inclusive, chega a comparar o sujo e a sujeira ao diabo, demonizando o outro ou a coisa considerados sujos.

A ação de sujar, deste modo, tem o sentido de tornar-se sujo e, ao assim fazer-se, emporcalhar. A ação de sujar não apenas atinge o próprio indivíduo, mas possibilita a contaminação espaço-temporal onde o ato se realizou, infectando ou poluindo o ambiente e o outro ao redor. O objeto, o indivíduo ou a instituição onde existe, ou possuidora de sujeira tornam-se não confiáveis, porque a sujeira comporta o elemento do impuro, da impureza, que corrompe o espaço, o tempo e as relações ao seu redor. Assim, corromper, perverter, depravar faz parte da ação do sujo, de alguém ou algo que comporta sujeira. Esta ação tende a manchar, a macular, a conspurcar, a profanar, em si, tudo o que se toca ou tudo o que se encontra no entorno.

O simbolismo religioso está cheio da dualidade limpo-sujo, puro-impuro, como parte da trajetória do sagrado e os compromissos dos homens para com ele; a literatura médica, também, coloca na relação entre o puro e o impuro toda uma discussão sobre o contágio e a transmissão de doenças, criando regras e códigos de conduta que procuram barrar a contaminação do ambiente e dos outros daqueles impuros ou tocados pela impureza em sua volta. As ciências sociais estudam estas duas representações da

dualidade limpo-sujo mostrando a construção social e cultural por trás destas práticas, e demonstram a sujeira como um elemento de estratificação social (DUMONT 2007; DOUGLAS, 1976).

Compreendem que as práticas sociais pressupõem regras e códigos de conduta morais e éticos, construídos por cada cultura ou sociedade determinada, e que essas práticas e etiquetas estão dispostas e hierarquizadas conforme uma possibilidade hegemônica de bem estar e harmonia social. Durkheim (2000), em seus estudos sobre o social e sua relação com a construção societária, coloca a religião e a questão do sagrado no palco central da constituição da racionalidade social primeva e de uma teoria do conhecimento, e acrescenta as disposições e cuidados com a saúde como uma extensão deste esforço de racionalidade.

A razão social constituída, assim compreendida, leva a crer a religião como um esforço humano e social para a compleição do indivíduo social e suas instituições. Colocando a religião como um elemento primevo de uma explicação da relação do homem com a natureza e o sobrenatural ao seu redor, e o colocando no centro deste universo simbólico desenhado. Marcel Mauss (1974), em seus estudos, amplia o caráter simbólico da formação cultural e social e põe a sociedade como instância motriz da própria simbolização e da criação de um sistema de classificação social que lhe é próprio, em um jogo permanente entre os homens em relação entre si e os elementos que adotam nos avanços para a compreensão da natureza e o sobrenatural ao seu redor, e os resultados desta relação social corporificada como cultura.

A cultura daí emergida funda e refunda as disposições erigidas através de um código de condutas morais e éticas, que visam a assegurar a harmonia, o bem estar e a sempre instável relações dos homens com os elementos da natureza e do sobrenatural ao seu redor. Criam códigos de pureza, de purificação e separam em graus variados os diversos tipos de puros até o mais impuro e sujo existente.

Pureza e sujeira, portanto, são dois elementos de uma mesma relação. Dispostos, porém, em campos hierárquicos opostos, encontrando-se em eterna tensão pela possibilidade de um intervir no outro: na ação de purificar o contaminado, ou na ação de contaminação do puro. A ordem e a organização social, estando no equilíbrio entre as duas esferas.

A sujeira, assim, como contraponto da pureza, se encontra no reino da desordem, da desorganização social. É um elemento que conduz a uma idéia imaginária da evitação e do impedimento: do que deve ser evitado, impedido, visto, sentido, enfim, a sujeira é uma coisa vista como algo do reino da feiúra, do abominável, e que deve ser impedido e excluído.

O sujo é aquele que provoca medo, receio. O apenas olhar o sujo ou a sujeira provoca um sentimento de nojo, de enjôo e um receio de contaminação. A idéia de poluição e seu corolário contágio, trás em si o desejo simultâneo de contenção, controle e, até, extermínio.

A sujeira e tudo o que é considerado sujo remete a evitação, seja pela busca de contenção, pela segregação, pelo isolamento, ou pelo extermínio e morte. O imaginário social causado pelo que é considerado sujo, deste modo, cria campos de entendimento e visão de mão dupla: de um lado, a visão preconceituosa, que vê o outro, o contaminado, como aquele que deve ser isolado ou excluído. De outro lado, a visão envergonhada, que compreende e enxerga o outro através de si mesmo, como consequência da falta de um atributo que também é seu, e que deve ser escondido do olhar de um terceiro, ou procurado meios para a sua superação.

Elias (1990 e 1993) em seus estudos sobre a conformação dos costumes na sociedade alemã a partir do século XVIII e, principalmente, XIX demonstra as bases de

atribuições de novos costumes e as formas de como os antigos costumes foram depreciados como sujos e sujeira, no processo de individualização crescente da sociedade alemã do período. Mostra, ainda, como esse processo se fez pela interiorização da disciplina e do aumento da vergonha, como movimentos de afirmação da pessoa e do julgamento moral de si próprio e dos demais.

A sujeira vista através da vergonha, então, era sentida como um problema pessoal de cada indivíduo, não apenas no olhar para si próprio, mas e principalmente no olhar para o outro. O controle social, desta forma, se colocava entre o indivíduo e o outro, através da vergonha e da exposição. Tudo era permitido deste que em uma intimidade pessoal ou dentro de uma intimidade compartilhada, nunca pública.

No público, a exposição de uma intimidade não condizente com o social e culturalmente desejado transformava-se em abjeção, em punição, em risco de contaminação, em desordem.

Sennett (1998) segue e amplia esta análise e coloca a individualidade resultante do crescimento da esfera da intimidade como um declínio acentuado na sociedade ocidental do homem público. O que provoca dois processos antagônicos e simultâneos: o aumento da vergonha de exposição em público, e um aumento do controle da desordem e da contaminação proveniente das esferas do considerado sujeira; e um desenvolvimento enorme do reino das perversões, enquanto possibilidade de ação pessoal ou compartilhada no consentido, e da curiosidade de verificação do outro, do íntimo através do buraco da fechadura.

O abjeto passa assim por uma mão dupla: o medo da contaminação e a busca do controle sobre ele; e o olhar curioso, que busca flagrar o outro em situações constrangedoras em ambientes íntimos. Ou, ao mesmo tempo, fazendo condenar aqueles que ousam expor-se em público e, simultaneamente, exibindo-se se pressentir que alguém o olha disfarçadamente.

O público, deste modo, se coloca como prisioneiro do privado, e como tal, fragmenta-se e é apropriado pelo espaço da intimidade: ampliando as bases do individualismo, e subsumindo o sujeito à esfera do desejo, e da ampliação do sentimento da vergonha. Da ação envergonhada sobre seus próprios atos e da própria sociedade que o cerca.

Simmel, em seu texto *A tragédia da cultura* (1998) dá as bases teóricas iniciais que orientariam posteriormente a análise de Sennett e Elias.

Goffman (1967), perseguindo os caminhos inspirados na análise simmeliana, estuda os processos de interação ritual e apreende que as relações entre os indivíduos são executadas e preenchidas por um ritual de conveniências e convenções sociais, onde o um e o outro respondem aos sinais esperados no decorrer do processo interativo: desde a forma de sentar, os gestos, as expressões e ruídos corporais e da face, até o expresso através da fala fazem parte de uma ritualística que se falha causa no outro constrangimento e, simultaneamente, constrange o outro da relação. A falha desorganiza e é considerada como algo que provoca sujeira ou suja o ambiente, podendo, em determinadas situações, contaminar a todos os presentes.

O processo de desorganização social causado pelo constrangimento, afeta as relações entre os parceiros da conversação, podendo o que falhou ser desculpado ou até ser expulso e evitado de novas possibilidades interativas. O ritual poluído indica situações de desordem que desorganiza todo o ambiente, quando não o contamina.

Em outro estudo sobre o estigma, Goffman (1988) vai mais além, e revela que essa desordem não só se coloca nas formas de se comportar e nas formas de se expressar, mas também em situações onde o outro da relação possui algum traço que o diferencia negativamente perante o parceiro ou parceiros da relação. Ele cita exemplos

que vão do uso de óculos com um grau elevado de miopia, até a presença de sinais e marcas corporais: de uma simples pinta inconveniente em um lado exposto do corpo do parceiro até a diferencial ligado a questões étnicas, posturas ou má-formação.

Em outros exemplos, ele coloca aspectos mais diretamente ligados a costumes e moda: o de não estar vestido de forma condizente, e o de não possuir um vocabulário harmônico com o ambiente em que se encontra; em outros exemplos fala diretamente de aspectos sociais ligados à esfera econômica: como ser pobre ou aparentar pobreza, ou ser de uma classe social considerada inferior a do ambiente em que se encontra etc.

O constrangimento podendo mesmo transformar o ambiente em um meio hostil, pondo o fim na relação encetada, chegando até ao isolamento ou a expulsão do constrangedor; ou mesmo, adquirir formato de humilhação àquele que constrangeu o ambiente com o seu diferencial, servindo de chacota e piadas entre os pares. A sujeira e a convivência com o sujo provocam um sentimento moral de rejeição que, se levada a extremo, leva a busca de exclusão ou de extermínio do agente contaminador, ou provoca vergonha ao ambiente que o recebeu.

Do mesmo modo, no indivíduo possuidor de algo considerado diferente e visto como desagradável ao ambiente em que se encontre presente, provoca um sentimento de humilhação, de acovardamento, de vergonha pessoal por ser possuidor de algo que constrange o outro, ou de não se encontrar a altura do outro ou outros da relação. Vive em permanente culpa de não ser igual, e sua baixa estima o faz sentir-se inferior.

Simone Weil (1979) em seus estudos sobre a opressão e a condição operária relata, em seu diário, o processo de vergonha e baixa estima que acompanha o ato cotidiano da pobreza operária. Relata a vergonha e a culpa sentida por ela, quando na saída da fábrica, depois de um dia extenuante de trabalho, de sentar em um ônibus para voltar para sua casa. Ela fala do sentimento de aversão à sua condição, que possivelmente iria causar no outro usuário, interiorizado, e se pergunta se ela tem o direito, mesmo pagando pelo transporte público, de sentar e sujar com sua pobreza e cansaço o ambiente do ônibus.

Esse estado limite de emoção demonstra como o sentir-se impuro, sujo, indigno, incapaz, diferente, advoga ao espírito de quem assim se sente, e dá o direito àqueles que o acham, de atribuição de um estigma social. Conceito moral produzido socialmente que objetiva algo ou alguém que não é limpo, em todas as suas acepções.

Lévi-Strauss (1970, pp. 107 a 164) analisando o mito “a viagem de canoa da lua e do sol”, na série: *Mitológicas – A origem dos modos à mesa*, diferencia a sujeira em três tipos: *a sujeira no sentido próprio*, (representada por excrementos, bichos peçonhentos, inabilidades e falta de aproveitamento pessoal, falta de higiene, etc); *a sujeira no sentido metafórico ou figurada* (vergonha da condição pessoal, feiúra, velhice, entre outros aspectos) e *a sujeira metonímica* (no sentido de que eles, os outros, a produzem e, portanto, podendo ser nominada como um tropo onde o que ou quem produz sujeira pode ser designado como a própria sujeira; no caso do mito analisado, os urubus). Essa diferenciação metodológica é importante nos estudos da poluição, pois ajuda a compreender a separação da sujeira em si das formas de assimilação cultural e simbólica do que é sujo, e dos sentimentos que envolvem os personagens na cena social: os que se sentem sujos, os que são tocados pela sujeira e podem ser contaminados e a própria nomeação do sujo, como apropriação do universo por ele desorganizado para designar a própria sujeira e, assim, objetificar um preconceito ou estigma social.

Em alguns estudos realizados por acadêmicos brasileiros, como o de Barbosa (2006) e o de Fleischer (2002) que trabalham com o imaginário sobre a sujeira no Brasil contemporâneo e entre as *housecleanners* brasileiras nos Estados Unidos, por sua vez, a diferenciação metodológica do sujo é feita entre a *sujeira física* e a *sujeira simbólica*. A

sujeira física tendo, em si, o próprio significado do que é considerado impuro, e a sujeira simbólica, representando o imaginário social sobre o considerado impuro (sujeira física) e as formas de controle cultural e social sobre ele. Neste universo trazido por Barbosa e Fleischer, balizados nos estudos de Mary Douglas (1976 e 2005), da sujeira como algo fora do lugar, a questão da ordem é vista como não apenas a organização da desordem provocada pela sujeira (física), mas no seu combate permanente.

Este mesmo sentido de diferenciação é trazido à tona no estudo de Caldeira (2000), ao estudar o sentimento de medo e a fragmentação dos laços sociais na cidade de São Paulo. Para ela, baseada nos estudos sobre pureza e poluição de Mary Douglas, é “a clareza das categorias que permite o controle do perigo e a manutenção da ordem social” (p. 41).

Adrian Forty (2007), ao estudar os objetos de desejo na sociedade ocidental, deste o ano de 1750, também se baseia em Mary Douglas para discutir a arquitetura e o *designer* e o conceito de limpeza e a imagem da higiene das formas. Diz que, principalmente, a partir do século XIX o conceito de limpeza ocuparia um lugar significativo na obra de muitos designers, chegando mesmo a ser confundido com o conceito de ordem e beleza.

A sujeira é, então, definida por ele, também com base em Douglas (1976), como “matéria fora do lugar: o sujo é o rótulo que atribuímos ao que percebemos como desordem, estado muitas vezes considerado ameaçador” (FORTY, 2007, p. 217). Segundo Forty (2007, p. 221), nas campanhas para a melhoria dos padrões de limpeza, foram utilizados pelos reformadores e higienistas dois conjuntos de argumentos. Estes dois argumentos influenciavam um ao outro de forma concomitante, produzindo um imaginário social propício para uma sociabilidade em que a vigilância constante de si e do outro era o lema de sua própria existência e sentido (FOUCAULT, 1986).

O primeiro recorria para a razão e se baseava em critérios científicos, como foi o caso da ordem médica e os perigos de contaminação causados pela falta de higiene e doença. Este primeiro argumento atingiria a arquitetura e as formas criadas por designers, em ambientes claros, de formas precisas, que exalasses funcionalidade e asseio, bem como um conjunto de ordens médicas e sociais de controle do impuro: ampliação de vias públicas; disciplinamento das casas; combate à doença e a insalubridade; desqualificação do saber popular sobre higiene e saúde; criação de espaços exclusivos para os mortos: os cemitérios; comparação da pobreza à sujeira e delinquência; criação de asilos de mendicância, entre outros<sup>1</sup>. O segundo argumento era, sobretudo, de ordem emotiva, e estimulava os sentimentos de ansiedade e culpa em relação à sujeira.

A dimensão da desordem social é igualada à sujeira, e os esforços para combatê-la consideradas como possíveis ajudas para unificar a experiência. “*Só exagerando a diferença entre dentro e fora, acima e abaixo, macho e fêmea, a favor e contra, é que uma aparência de ordem é criada*” (DOUGLAS, 1976, p. 4). Para Mary Douglas (1976, p. 5), portanto, rejeitar a sujeira equivale a rejeitar a ambiguidade, a anomalia e a desordem dentro de um contexto de uma ordem social e cultural específica: “a reflexão sobre sujeira envolve [sempre uma] reflexão sobre a relação entre ordem e desordem, ser e não ser, forma e ausência de forma, vida e morte”.

Vernant (2002, p. 281)), resenhando Mary Douglas, acrescenta que “*é sujo o que só pode ser pensado como anomalia, aquilo cujo estatuto aparece como ambíguo,*

---

<sup>1</sup> Para uma visão de autores que trabalharam com essas questões ver, entre outros, Thompson (1989); Áries (1989); Davis (1990); Foucault, (1986 e 2007), entre outros. No Brasil ver os estudos de Koury (1986 e 2003); Diniz (2001); Reis (1991); Sá (1999), David (1995), entre outros.

*marginal e que questiona, por não ser integrado, a ordem da qual o grupo é solidário e cuja perpetuação deseja garantir*". Desta forma, a sujeira, e tudo o que representa o negativo e o outro com relação a um sistema de organização social e cultural, deve ser enfrentado com vistas a reconfiguração da ordem social.

A sujeira também pode vir a ser integrada, quando reconfigurada dos preconceitos culturais sobre ela, e remetida à ordem como nova forma de expressão do olhar sobre o real. No movimento fotográfico dos anos de 1920, alguns aspectos da feiúra, do abominável, do que causava asco e aversão foram reconfigurados sob uma nova estética, que os transformava em beleza. O feio é belo. A diferença marca, então, o elogio do plural (SONTAG, 1977; KOURY, 1998). Satisfaz uma reflexão de que as coisas e as pessoas nunca são sujas em si, mas tornam-se sujas, quando ocupam um lugar que contradiz o sistema de classificação social determinado, nos quadros de uma cultura e de uma sociabilidade dadas.

Toda análise e indagação que se debruce sobre a sujeira, desta forma, têm por base uma reflexão das relações entre a ordem e a desordem e das relações possíveis entre os aspectos positivos e negativos do processo de criação social. Processos que envolvem o binômio limpo e sujo, puro e impuro, os silêncios ou silenciamentos, e os discursos mortos e esquecidos ou subsumidos na lógica hegemônica social (KRISTEVA, 1986), que podem ampliar conceitos, revisá-los e integrá-los à ordem, em uma subversão de identidade, onde se acomoda a outrora desordem à lógica contemporânea da ordem.

Estudar o comportamento e o imaginário social urbano do brasileiro atual sobre sujeira, deste modo, leva a reflexão e a busca de compreensão sobre o desenho da cultura política no país e nas mudanças de comportamento e nos costumes dos homens comuns, moradores das grandes cidades, e dos medos e receios enfrentados na cotidianidade.

### **Informações básicas sobre a pesquisa**

Durante o primeiro semestre de 2009 foi realizada uma enquete em seis capitais dos estados brasileiros: João Pessoa, Recife, Belém, São Paulo, Curitiba e Brasília com o objetivo de saber qual o imaginário urbano sobre sujeira e o que é sujo no Brasil de hoje.

A aplicação dos questionários para o desenvolvimento desta enquete se deu durante o trabalho de campo para a coleta de dados para uma pesquisa maior, sob a coordenação do autor, intitulada *Medos corriqueiros e Sociabilidade urbana no Brasil*<sup>2</sup>. A questão do que é sujo relacionado com a do que é medo apareceram várias vezes em entrevistas realizadas na primeira e segunda fase da pesquisa *Medos Corriqueiros*, chamando a atenção do autor. Daí ter aproveitado um momento de treinamento e aproximação com os locais onde a nova fase da pesquisa se daria, para trabalhar a problemática do que é sujeira para os habitantes urbanos de seis capitais de estados do Brasil<sup>3</sup>.

Uma enquete, nada mais é, do que uma fotografia de um momento determinado, um instantâneo das inquietações dos entrevistados, na ocasião em que foi abordado e concedeu a entrevista. Assim, reflete apenas um momento, um estado de espírito dos

<sup>2</sup> Para resultados relativos à pesquisa *Medos corriqueiros e sociabilidade urbana no Brasil*, ver, entre outros trabalhos: Koury (2005, 2006, 2007 e 2008).

<sup>3</sup> Os primeiros dados desta enquete, divulgados por cada uma das cidades pesquisadas, foram disponibilizados no Blog Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções - GREM, da Universidade Federal da Paraíba, e podem ser vistos no endereço eletrônico <http://grem-sociologiaantropologia.blogspot.com/> (KOURY, 2009, 2009a, 2009b, 2009c, 2009d e 2009e).

acontecimentos e situações que interferem na sua vida em um tempo-espaço específicos. O que pode mudar, se a mesma enquete for aplicada em outro dia, mês ou ano.

Esta indicação é importante para enfatizar o aspecto superficial para o conhecimento científico de uma enquete e, também, para indicar que fotografias de momentos, se aplicadas em vários períodos de tempo nos mesmos espaços, podem ser comparadas, e podem indicar conjuntos de inquietações identificadoras de um perfil comportamental de uma comunidade ou de uma nação. Daí sua significância para a pesquisa social.

Mesmo se uma enquete for aplicada apenas em um tempo-espaço, a fotografia revelada através das respostas dos entrevistados fornece ao pesquisador subsídios importantes para a compreensão de hábitos, costumes, anseios, problemas e inquietações de uma população dada, que podem servir para a ilustração de fenômenos, mesmo que flutuantes, já que apenas um instantâneo, na análise social. Portanto, a fotografia conseguida pela enquete do país, através de uma amostragem em seis capitais, permite indicadores analíticos em termos da cultura política, dos medos, receios e anseios, dos costumes através das informações obtidas dos entrevistados, tornando possível ao pesquisador levar o leitor a um passeio sobre o imaginário brasileiro urbano nacional. Permite, também, revelar o leitor as vivências, reflexões e comparações emitidas pelos entrevistados da enquete acionadas por uma temática específica: no caso da enquete proposta pelo GREM, sobre o que é sujeira ou sujo para o entrevistado.

### **Uma breve análise das categorias encontradas nas falas dos entrevistados**

Foram entrevistadas 390 pessoas de ambos os sexos, com idade mínima a partir de 15 anos, no conjunto das seis cidades trabalhadas, sendo 90 entrevistados para a cidade de São Paulo e 60 para as demais cidades da amostra. A abordagem foi feita de forma aleatória, em pontos de grande movimento ou aglomerações de pessoas, em diversos locais de cada cidade pesquisada. As pessoas que se dispunham a conceder a entrevista ao pesquisador eram colocadas frente a duas questões básicas: o que era sujo ou sujeira para o entrevistado e o que ele indicava como sujo ou sujeira.

As respostas a estas questões foram tabuladas e agrupadas em 12 grandes categorias analíticas: Falta de Higiene, Fluídos, Imoralidade, Falta de Confiança, Gente Fraca, Preconceito Étnico, Mendicância (Gente Pobre e Suja), Homossexualidade, Falta de Consciência Ecológica, Violência Urbana, Desrespeito ao Cidadão e Falta de Zelo com a Coisa Pública. Estas categorias ajudaram o pesquisador a perceber as grandes temáticas indicadas pelos entrevistados dentro de uma perspectiva de cada cidade pesquisada e sua comparação, fornecendo um mapa do imaginário sobre o que é sujeira ou sujo para o homem comum urbano brasileiro.

Para a análise deste trabalho, estas 12 grandes categorias encontradas nas falas dos entrevistados foram sintetizadas em quatro: a categoria de *Moralidade* (que engloba as categorias de Falta de higiene, fluidos, imoralidade, falta de confiança e gente fraca); a categoria de *Preconceitos* (que engloba as categorias de homossexualidade, etnia e mendicância, gente pobre e gente suja); a categoria *Violência Urbana*; e, por fim, a categoria *Ética, política e cidadania*.

Interessa, aqui, apenas, apresentar as categorias indicadas, tendo em vista a discussão feita acima sobre sujeira e sociabilidade. Não interessa, contudo, no âmbito deste artigo trabalhar a questão no âmbito de gênero, nem de faixa etária ou econômica. Privilegiar-se-á, sobretudo, as respostas dadas pelos informantes, de uma forma geral, na medida em que se quer entender o homem comum brasileiro, e o seu pensamento

imaginário sobre a questão da sujeira e do sujo, independentemente do cruzamento por sexo, idade, escolaridade, renda ou religião. Mesmo sabendo dos perigos que se corre na utilização de generalizações que poderiam ser aprofundadas pelas categorizações dos agentes das informações: os entrevistados.

### A categoria de Moralidade

**QUADRO I – A Categoria Moralidade - %**

Moralidade	João Pessoa	Recife	Belém	São Paulo	Curitiba	Brasília	Brasil
Falta de Higiene	16,7	11,7	10,0	8,9	23,3	13,3	<b>13,6</b>
Fluídos	13,3	3,3	5,0	4,4	15,0	6,7	<b>7,7</b>
Imoralidade	11,6	5,0	6,7	3,3	-	5,0	<b>5,1</b>
Falta de Confiança	8,3	5,0	8,3	4,4	11,7	-	<b>6,2</b>
Gente Fraca	5,0	1,6	1,6	-	-	-	<b>1,3</b>
<b>Total</b>	<b>54,9</b>	<b>26,6</b>	<b>31,6</b>	<b>21,0</b>	<b>50,0</b>	<b>25,0</b>	<b>33,9</b>

Como pode ser visto no Quadro I, acima, esta categoria engloba o maior número de indicações dos entrevistados sobre o que eles afirmaram por sujeira. Dos 390 entrevistados no Brasil, 33,9% significaram a sujeira através de uma categoria que remete diretamente para o campo simbólico do puro-impuro, da limpeza-sujeira. Dualidades que operam com um conjunto de classificações sociais que remetem o sujo à desordem, a desorganização, à mentira e à perversão.

As subcategorias que compõem a categoria de Moralidade podem ser divididas em dois grupos de situações. O primeiro dizendo respeito à sujeira física do corpo e do ambiente, onde se encontram a falta de higiene e os fluidos (escarros, excrementos, saliva, sangue, urina, lágrimas, cheiros, etc.); e o segundo, que diz diretamente da questão do caráter, e se encontra presente entre as perversões, a fraqueza pessoal: preguiça, cansaço, falta de vontade, e a falta de confiança: traição, mentira, desonestidade, etc.

Ao se olhar a categoria de Moralidade, vê-se que ela corresponde a 33,9% da resposta dos brasileiros, e varia de acordo com a cidade pesquisada: chega a 54,9% em João Pessoa e 50% em Curitiba, descendo para 31,6% na cidade de Belém, e 26,6% em Recife, 25% em Brasília e 21% em São Paulo. O apontar como sujeira esses aspectos morais, associados à questão da falta de educação e da conformação do caráter, parece demonstrar uma preocupação com a desordem inerente à própria subjetividade que cada subconceito emite: os riscos com a saúde, provocados pela falta de higiene doméstica e da cidade; a possibilidade de transmissão de vírus pela falta de cuidados básicos são receios emitidos e são exemplos desse processo. Assim como, como lembra Rebouças (2000), a desordem causada pela sujeira, como falta de ordenação, causando desequilíbrio nos indivíduos em relação e no todo social.

Do mesmo modo que o elemento de sujeira, apontado nos atos obscenos e na sociedade que não põe limite à exposição dos corpos e das perversões, fala da desordem e dos perigos inerentes a se viver em uma *época* onde “o respeito aos costumes e as tradições, ao bom comportamento e à família não mais existem”, como argumentou uma entrevistada.

Esta categoria, com suas subcategorias, assim, parecem apontar para a análise de Elias (1990 e 1993) sobre a autodisciplina e a vergonha causada pela desordem do outro, porque reflete a sua própria indisciplina e da sua cultura; e de Sennett (1998) e Giddens (2004), que direcionam o olhar para o declínio do público e a ascensão da

intimidade. E uma e outra levam na direção de alguma coisa fora do lugar, no sentido dado por Mary Douglas (1976), que incomoda e que causa vexame, que enoja e causa vergonha e receio de contaminação.

Os elementos físicos da sujeira, presentes nas subcategorias da categoria *Moralidade*, por outro lado, parece direcionar a reflexão dos entrevistados para a dimensão metonímica da sujeira sugerida por Lévi-Strauss (1970), apontando aqueles que a cometem como *porcos*, como *imundos* e, na direção da perversão, de *amorais* e *permissivos*. São eles, quem a produzem, são eles os sujos, o que causam sujeira e poluem o ambiente, contaminando o ambiente ao redor e, pior, envergonhando e contagiando a todos, pois a sujeira, nesse momento, passa a ser representada na sua dimensão simbólica e generalizante: é a sociedade permissiva que fecha os olhos à falta de educação e a quebra dos laços da tradição, ocasionando uma fragmentação que atinge a todos: a sujeira produzida emporcalha não só que a produziu ou consentiu, mas a todos.

Esse corromper simbólico, que contamina o social, parece produzir um sentimento de impotência em cada indivíduo presente, o que aumenta o receio de contaminação e o medo de relacionar-se, ocasionando um sentimento de reserva pessoal e uma ampliação do isolamento pessoal ou familiar, ao mesmo tempo em que provoca o crescimento de uma aversão sobre aqueles causadores da sujeira. O nojo incitado parece ser pertinente a emoções, comportamentos ou impressões que causam vergonha e pudor: as funções de excreção e sexuais do corpo humano (CONY, 2005, p. 52). A indicação da categoria *Moralidade* como sujeira, trás em si uma espécie de reação que condena qualquer pessoa, qualquer objeto ou qualquer idéia que seja capaz de confundir ou contradizer as classificações tidas como ideais e colocadas, pelos entrevistados, no plano de um passado fantasiado como *melhor*, mas perdido e sem retorno.

Reflexão esta que encaminha a análise para a segunda categoria: a dos *Preconceitos*.

## A Categoria Preconceito

**Quadro II – A Categoria Preconceito - %**

Preconceito	João Pessoa	Recife	Belém	São Paulo	Curitiba	Brasília	Brasil
Homossexualidade	6,7	6,7	13,3	5,6	1,7	5,0	6,4
Mendicância, Gente pobre, gente suja	10,0	11,7	6,7	10,0	6,7	11,7	9,5
Preconceito Étnico	-	-	-	3,3	3,3	-	1,3
<b>Total</b>	<b>16,7</b>	<b>18,4</b>	<b>20,0</b>	<b>18,9</b>	<b>11,7</b>	<b>16,7</b>	<b>17,2</b>

A categoria *Preconceito* agrupa três subcategorias analíticas que dizem respeito a questão da homossexualidade, da pobreza e do preconceito étnico. Ela trás a indicação de 17,2% dos brasileiros, que a veem como sujeira. É uma categoria que permanece uniforme nas indicações em cada cidade pesquisada, como pode ser visto no Quadro II. Exceto o preconceito étnico, apontado apenas por duas capitais, São Paulo e Curitiba, as outras duas outras subcategorias possuem variação mínima entre as cidades, com ressalva da cidade de Belém para a subcategoria homossexualidade, que aparece com um índice de 13,3%, diferenciando-se dos apresentados nas demais cidades.

A categoria preconceito revela a formação de estigmas sociais graves, os quais veem os outros da relação como fora dos padrões classificatórios da cultura de que faz parte. Dentro de uma relação sujeira-limpeza, puro-impuro, estes estigmas se constituem em marcas que procuram naturalizar e impor modos de agir e posturas

sociais e culturais através do qual fabrica o outro da relação como alguém fora do lugar. Como um desclassificado social, como um ser de segunda categoria, ou mesmo, nas formas mais radicais de comportamento, como um não ser.

No caso da homossexualidade, a aversão aos que a praticam é visto através da desordem causada no sistema classificatório macho-fêmea, causando ansiedades. Estas estigmatizações aparecem quando as fronteiras externas de uma dada cultura, ou quando as linhas que delineiam as relações internas de uma sociabilidade são ameaçadas. O medo do perigo das situações que não se encaixam nos sistemas classificatórios ideais, parece por a pessoa em constante tensão e medo, daí a tendência a isolar o elemento da desordem e impor a ele atributos de demonização, como produtos de forças malignas, impondo uma eterna vigilância.

Em uma sociedade carnavalizada como a brasileira, os espaços de identificação da hierarquia macho-fêmea se fazem sentir através do crescimento da homofobia, mas, ao mesmo tempo, parece haver uma relativa tolerância ao macho (hetero) que se veste de mulher em momentos festivos; bem como com relação ao lado festivo das *bichinhas*<sup>4</sup>, claro, “*desde que elas se coloquem no seu lugar*”, como afirmou um entrevistado, isto é, em uma espécie de limbo onde não reivindicuem inclusão social, nem busquem quebrar os limites classificatórios do entendimento do gênero.

“*Elas lá e nós cá*”, afirmou outro entrevistado, que diz, inclusive, que gosta de ver “*as bichinhas desfilarem em frente do meu ponto de ônibus, quando volto para casa no final do expediente*”. Ou, como afirma outro entrevistado, “*gosto de ver essa viadagem na televisão, imitando cantoras, sorridentes, umas verdadeiras artistas... Acho mesmo que é lá, do outro lado do vidro da televisão que elas deveriam permanecer, como artistas inatingíveis, deusas. Mas isso não acontece. Elas são homens, e como tal ameaçam a nossa própria integridade moral*”. Nessa altura o discurso muda para o preconceito e aversão mais aguda, simbolizando o lado diabólico do homem-mulher e a desordem provocada por essa desorganização.

A maior parte dos que informaram a homossexualidade como sujeira, porém, advogam o isolamento e a rejeição total daquele que se *desvirtua*. Na cidade de Belém, várias mulheres e homens chegaram a aplaudir mães e pais de família que ao descobrirem a tendência dos seus filhos para a homossexualidade, os expulsarem de casa. Em João Pessoa e São Paulo muitos creditam a desordem provocada pela homossexualidade aos males contemporâneos, entre eles a AIDS é apontada como produto gay, bem como a degeneração dos costumes sociais em que vive o Brasil atual.

A questão do preconceito étnico, por outro lado, só apareceu diretamente e de forma irrisória em duas capitais pesquisadas, as cidades de São Paulo e de Curitiba, ambas com 3,3% das indicações dos entrevistados. Nas duas cidades, embora os negros apareçam como a indicação mais precisa, chineses (coreanos), árabes, judeus e ciganos surgem também como indicações de estigmas sociais e são motivos de chacotas. Judeus e árabes aparecem como agiotas e ladrões no imaginário dos entrevistados que o afirmaram como sujos, os chineses e coreanos aparecem como contrabandistas, e os ciganos como marginais em potencial.

São vistos como elementos de desordem e perigo, principalmente se além de problemas étnicos apresentarem a questão da pobreza em seu currículo. Se ricos, ou de classe média alta, a questão da etnia deixa de ser significativa, passando a haver certa tolerância em aceitar a diferença no ambiente social e mesmo familiar.

---

<sup>4</sup> *Bichinha*, *viadagem* são termos muito usados no vocabulário popular brasileiro para designar o homossexual masculino individual ou em grupo. Vários entrevistados usaram os termos na busca de desqualificar o ser humano homossexual e reclassificá-lo sob a ótica do pejorativo.

A categoria pobreza, assim, funda o grande hiato entre os brasileiros. Esta subcategoria presente na categoria Preconceito aparece, no imaginário dos entrevistados, ligada ao estigma de classe. São os pobres, os mendigos, considerados sujos, sem educação, sem acesso aos códigos de higiene e que enfeiam e sujam a cidade.

São ameaçadores em si, vistos como marginais e ladrões, que provocam medo e receio na população. São vistos como drogados, maltrapilhos, que surgem de repente nos sinais de trânsito de cada cidade pedindo dinheiro ou assaltando.

São não confiáveis, abjetos, elementos estranhos estabelecidos pela extrusão e que devem ser mantidos sob rígido controle social, para que não avancem sob o organizado e ameacem os cidadãos. Sim, a pobreza não é vista pelos entrevistados através do conceito de cidadania, mas, ao contrário, como elementos da desordem e da fragmentação social. Ou como afirmou um entrevistado: *“vejo um maltrapilho na rua e fico trêmulo, confuso, com medo. Se houver um canto que eu possa atravessar, eu sigo, mesmo que aumente o caminho, pois me sinto mais seguro por não passar frente a ele... Eu tenho pena das crianças, mas é uma pena de uma criança geral, não aquela que está ali, com um vidro de cola, drogado, na minha frente. Dessa eu corro, como corro do seu pai, da sua mãe, de quem lá que seja... Acho que o governo deveria achar um jeito de por essa gente sob controle, pois vai chegar o dia em que essa gente vai nos por sob controle, o controle do medo. Como já existe por aqui... é só olhar em volta e ver; é só olhar os jornais e vê...”*

Ao serem vistos como bandidos, através da ótica do medo de que *“vai chegar o dia em que essa gente vai nos por sob controle...”*, a pobreza urbana é estranhada, e sobre ela paira o desejo de retirá-las do corpo social, afastando o perigo que ameaça o entrevistado e a sua família e a sociedade em geral.

## A categoria Violência Urbana

QUADRO III – A Categoria Violência Urbana - %

Violência Urbana	João Pessoa	Recife	Belém	São Paulo	Curitiba	Brasília	Brasil
Violência Urbana	5,0	11,7	10,0	39,0	20,0	23,3	19,7
<b>Total</b>	<b>5,0</b>	<b>11,7</b>	<b>10,0</b>	<b>39,0</b>	<b>20,0</b>	<b>23,3</b>	<b>19,7</b>

Esta categoria está associada à pobreza urbana e a sua demonização, que vêem pobres e mendigos como sujos, como bandidos em potencial. Ela responde por 19,7% dos brasileiros que a indicaram como sujeira (Quadro III). O medo da violência e sua associação com a pobreza, porém, varia para cada cidade pesquisada em particular. Assim, na cidade de João Pessoa, apenas 5% dos entrevistados indicaram a violência urbana como algo sujo e que incomodavam a eles; na cidade de Belém, por seu turno, o índice de indicações é de 10%; na cidade do Recife, apesar da cidade ser considerada pela mídia e pelas estatísticas nacionais como uma das cidades mais violentas do país, o índice de indicação dos entrevistados é de 11,7%. Em Brasília e Curitiba as indicações da violência como algo sujo e que amedrontam e intimidam os entrevistados, sobem para 23,3% e 20%; a cidade de São Paulo, por sua vez, apresenta o índice de 39% e detém o maior índice de indicações da violência urbana como algo sujo, que assusta os informantes.

Muitos dos entrevistados são claros na relação pobreza e violência, e no medo e no sentimento de insegurança permanente que sentem, mesmo no interior de suas casas. Uma entrevistada da cidade de São Paulo, por exemplo, fala do pânico diário de sair de casa, depois que *“fui encurralada no meio de um tiroteio entre polícia e moradores da*

*favela próximos*” a sua residência. Um entrevistado de Brasília informa sobre os sequestros relâmpagos que assolam a cidade, “*onde qualquer um pode ser vítima, e se não tiver dinheiro, pior, bau, bau, é morte certa*”. Uma respondente de Curitiba, por seu turno, fala dos assaltos nos pontos de ônibus e nos parques da cidade, que a fazem ter medo de se deslocar. Afirmando que, “*se eu não tivesse que trabalhar vivia trancada em casa, sem sair para nada. Pedia tudo por telefone ou internet*”. Um entrevistado de Recife fala que “*nunca fui assaltado, mas morro de medo de que isso aconteça*”, e conta que o vizinho ao lado de sua casa teve um revólver apontado para a sua cabeça, na hora em que abria a garagem e, por sorte, só levou apenas o carro. Um respondente de Belém fala da insegurança de viver na cidade, com assaltos constantes e arrastões. Um entrevistado de João Pessoa fala do gasto com a segurança que vem tendo nesses últimos anos. Informa que o bairro em que mora, Cabo Branco, transformou-se de um bairro pacato, onde todos se conheciam, para um lugar perigoso, onde os moradores têm medo de sair de suas casas, vive trancado, de muro altíssimo, cheio de grades e apetrechos de segurança. “*Vivo numa prisão*”, informa, “*com medo até de botar o nariz prá fora de casa*”. Todos os depoimentos relatam o medo generalizado, que reforçam a idéia de “*separação, purificação, demarcação e punição das transgressões*” (Douglas, 1976, p.4), e dos transgressores, apontados como os pobres e bandidos, em uma correlação onde um e outro se misturam e torna-se um todo homogêneo e indiferenciado, como categorias excluídas da estrutura formal do poder e consideradas sujas, poluidoras e ameaçadoras.

A associação entre pobreza e crime acompanha as sociedades ocidentais de longa data. No Brasil, desde o final do século XIX, com o final da escravidão, a necessidade de conter um contingente de trabalhadores livres, em número crescente, que aportavam nas cidades, levou a todo um processo de formação de leis que objetivavam a disciplina e o controle social, moral e higiênico das classes trabalhadoras. Novos controles prisionais, orfanatos, abrigos de mendicância, registros profissionais como controle e garantia do pobre trabalhador, entre outras formas de contenção, são produtos desta fase de consolidação do capitalismo no ocidente e no país.

No século XXI esta associação tem provocado novas formas de reconfigurações sociais nas cidades. Caldeira (2000), por exemplo, estuda as transformações ocorridas na cidade de São Paulo nas duas últimas décadas do século XX, apontando para a crescente fragmentação dos laços sociais entre cidadãos e pobres. Pobres, aqui, considerados como o outro, como o fora de lugar na ordem classificatória social, a não ser como um não ser, via desordem, isto é, como bandidos em potencial.

Sonia Ferraz (2001), em um trabalho sobre as formas de morar nas cidades brasileiras neste início do século XXI, analisa a intensificação do medo generalizado de morar nas cidades e a arquitetura decorrente e resultante da relação entre violência e pobreza. Para ela, o estreitamento da relação homem pobre e violência urbana é um fato construído diariamente pela mídia, e que vem sendo capaz de produzir a sensação crescente de insegurança e medo das elites em relação à pobreza e tem contribuindo para uma maior segregação social e física e para o crescimento do mercado de proteção.

Marcelo Souza (2008) discutindo a relação entre medo e cidade, e tendo como referência as grandes cidades e metrópoles brasileiras, fala sobre o sentimento de insegurança que parece cada vez mais compor o cenário das cidades brasileiras, como se estivesse presente em todo e qualquer lugar, a qualquer hora e momento. Afirmo que esse sentimento crescente de insegurança generalizado toma conta de todos os habitantes urbanos e é “*como se a ‘geografia do medo’... muitas vezes parece deslocar-se em parte da incidência objetiva dos crimes violentos, [e] se superpusesse à ‘geografia da violência’... [provocando] um medo generalizado... matizado de acordo*

com a classe, a cor de pele, a faixa etária, o sexo e o local de residência, [que] toma conta de corações e mentes” (SOUZA, 2008, p.54). Esse medo generalizado atua recondicionando hábitos de deslocamento e lazer, influenciando formas de moradia e modelando discursos padrões sobre a violência urbana, que reascende, amplia e consolida o próprio medo no íntimo de cada habitante e de toda a cidade.

### A categoria Ética, Política e Cidadania

Quadro IV – A Categoria Ética, Política e Cidadania - %

Ética, Política e Cidadania	João Pessoa	Recife	Belém	São Paulo	Curitiba	Brasília	Brasil
Desrespeito ao Cidadão	6,7	23,3	11,7	10,0	8,3	10,0	11,5
Falta de Zelo com a coisa pública	16,7	15,0	16,7	11,1	8,3	25	15,1
Falta de Consciência Ecológica	-	5,0	10,0	-	1,7	-	2,6
<b>Total</b>	<b>23,4</b>	<b>43,3</b>	<b>38,4</b>	<b>21,1</b>	<b>18,3</b>	<b>35,0</b>	<b>29,2</b>

Esta categoria foi a que mais chamou a atenção do pesquisador pelo grande número de respondentes que afirmaram a política brasileira como algo sujo, 29,2%, o que corresponde a 114 brasileiros.

Como pode ser visto no Quadro IV, os 29,2% de brasileiros que indicaram como sujeira a política brasileira, ao serem distribuídos pelas seis capitais de estados pesquisadas, se situam do seguinte modo: 23,4% da cidade de João Pessoa (PB); 43,3% de Recife (PE); 38,4% de Belém (PA); 21,1% de São Paulo (SP); 18,6% de Curitiba (PR) e 35% de Brasília (DF). O maior índice de indicação da política nacional como algo sujo foi encontrado entre os moradores da cidade do Recife, seguido de perto por Brasília. Os menores índices de indicação foram encontrados entre os respondentes de Curitiba, seguido pelos residentes na cidade de São Paulo.

As três grandes subcategorias categorias onde as diversas respostas individuais dos entrevistados foram agregadas, relativas à questão da política como algo sujo, falam da *Falta de Zelo com a Coisa Pública*, com 15,1% das indicações, do *Desrespeito ao Cidadão*, com 11,5% das respostas, e *Falta de Consciência Ecológica*, com 2,6% das indicações nacionais. A subcategoria Falta de Consciência Ecológica foi indicada apenas por três das seis cidades pesquisadas: com 5% dos entrevistados da cidade do Recife; 10% dos respondentes da cidade de Belém; e 1,7% dos de Curitiba. Os entrevistados dispostos nesta subcategoria procuram ligar a questão da falta de consciência ecológica com o conceito de desenvolvimento sustentável, e elaboram uma crítica aos planos diretores da cidade. Os entrevistados apontam como sujeira à poluição do ar e dos rios, o desmatamento desenfreado, as queimadas, bem como o lixo acumulado nas encostas dos morros ou jogados nos rios e canais das cidades, entre outros aspectos.

Coligando esta subcategoria com a do Desrespeito ao Cidadão, fala da falta de saneamento, com esgotamento sanitário a céu aberto ou ligado clandestinamente aos rios e às praias, prejudicando o lazer, a reserva de água potável e a saúde pública, causando epidemias e perigos de diversas espécies. Indicam ainda os gases poluentes, o mau cheiro das cidades, o chorume e os gases produzidos pelo lixo acumulado em depósitos de acolhimento sem nenhuma estrutura.

Acusam os políticos de não se preocuparem com a questão, com grande prejuízo para as cidades e para os cidadãos que nela vivem. Remetem assim as suas narrativas

para a associação da falta de consciência ecológica com as questões de falta de zelo com a coisa pública e do desrespeito com os cidadãos.

A subcategoria Falta de Zelo com a Coisa Pública, por sua vez, fala diretamente contra a falta de ética na política e na administração pública brasileiras. Os entrevistados são claros na comparação da política praticada por políticos profissionais no Brasil como sujeira, nas esferas federal, estadual e municipal, apontando elementos como a corrupção ativa, como o desvio de verbas, a má aplicação dos recursos públicos, o descaso com as políticas públicas no país, principalmente ligadas à educação e à saúde e no controle da criminalidade, a questão da fome associada ao desvio de verbas e ao legislar e agir em causa própria.

Esta subcategoria, também, fala da política como politicagem, e aponta os escândalos que a sociedade brasileira vivencia desde os anos finais do século XX até agora: como o de desvio de verbas públicas, o *mensalão*, a operação vampiro e outras; ou como subornos, contratações ilícitas, enriquecimentos rápidos e inexplicáveis de políticos, e uso da máquina pública para cabide das mais diversas práticas abusivas de beneficiamento da família ou pessoal; ou ainda, como o eterno acabar em *pizza* das CPIs, os partidos como cabides de interesses estratégicos para uso pessoal, a falta de ética como fundamento partidário, entre inúmeros outros, como um dos males do Brasil contemporâneo. Males que são apontados pelos entrevistados como sendo a prática política no Brasil, e que os fazem desabafar o *nojo* que sentem da política e dos políticos, considerados, como disse um entrevistado recifense, “*como um bando de porcos no chiqueiro, quando aparece alguma lavagem* (a mistura de restos de comida com que são alimentados os porcos criados em fundos de quintais)”.

A subcategoria Desrespeito ao Cidadão, por outro lado, é uma categoria que engloba respostas associadas à cidadania e a qualidade de vida dos habitantes da cidade, e onde se vêem respostas ligadas a problemas de saneamento básico, de esgotamento sanitário, de falta de estrutura de transportes públicos, das condições das vias expressas (calçadas, ruas, avenidas, estradas), da carência de iluminação pública, da condição de higiene da e na cidade, entre outras queixas. Esta subcategoria, também, encontra-se umbilicalmente associada com a da Falta de Zelo com a Coisa Pública, com comparações depreciativas da política legislativa e executiva do país, como a dada por um entrevistado, insatisfeito com a falta de estrutura urbana do seu bairro e que tinha sido prometido melhorias por um vereador que recebeu muitos votos dos moradores de lá: “*pois é doutor, os políticos são como gatos de rua, só aparecem quando querem se eleger, depois esquece o eleitorado*”. Esta afirmação geral, dada por um entrevistado da cidade de Belém, sintetiza, grosso modo, uma boa parte das mágoas com os políticos por parte do homem comum urbano brasileiro. Essa queixa trás embutida outras tantas, que dizem respeito, principalmente, ao poder executivo. Embora, em muitos casos, revele ainda uma mentalidade clientelista por parte do eleitorado, da relação político-eleitor.

Promessas pessoais feitas durante a campanha para possíveis eleitores e depois esquecidas quando conseguem assumir algum posto no legislativo ou no executivo, são apontadas por alguns entrevistados, que se colocam descrentes do voto e aproximam a prática política da podridão, e que veem o político como aproveitador, e a política como sujeira. Por outro lado, a grande maioria das respostas reside no descumprimento de promessas de campanha para melhorias na infra-estrutura urbana, a partir do próprio bairro ou *comunidade* do eleitor.

Outro núcleo grande de indicações do desrespeito ao cidadão se coloca em alguns problemas de âmbito mais geral que atingem os moradores das cidades entrevistadas, como o episódio até hoje não resolvido do lixo na cidade do Recife

(KOURY, 2009a), os problemas de transporte urbano, o estado de falência em que se encontram estradas, avenidas e ruas em todo o país, dificultando a circulação de automóveis e pessoas, aumentando o número de acidentes de trânsito e o tráfego diário das vias públicas.

Outro conjunto de respostas fala da falta de policiamento nas ruas, da falta de iluminação pública, dificultando a circulação de pessoas, principalmente aquelas mais pobres, gerando medo. Outro aspecto associado como desrespeito ao cidadão, e indicativo da política como algo que dá nojo, fala da saúde pública, e das dificuldades do seu uso e do desaparecimento dos hospitais e postos de saúde no Brasil; da educação formal e do esfacelamento da escola pública, nos três níveis, no país; falam ainda do distanciamento salarial dos políticos profissionais, bem como dos outros poderes, em relação ao salário do trabalhador comum, entre outros tantos aspectos.

Outro núcleo de indicações fala diretamente da questão do trato da violência como fazendo parte de um comércio e uma indústria do medo. O que mostra a associação da política e do desrespeito ao cidadão, com relação ao trato da violência pela *res publica*, isto é, como uma coisa do povo. Indicam os políticos em cargos legislativos e executivos como os responsáveis pelo acirramento da violência no país, não por falta de recursos aplicados, mas pelo desvio destes recursos, seja em propaganda, seja por outras formas: despreparo das forças públicas, falta de policiamento estratégico, desinteresse real da questão, embora com aparente interesse da eterna fonte de recursos para estimular este comércio e indústria nos municípios, estados e país, ampliando a cultura do medo entre os cidadãos.

Esta categoria mostrou-se importante nesse estudo por mostrar como a população brasileira vê e sente a política em desenvolvimento no país através dos seus políticos profissionais. A falta de ética, o uso pessoal e partidário da máquina política, o desrespeito ao cidadão, são apontados como problemas estruturais da política no país que levam a descrença do eleitor para o destino de seu voto: “*em qualquer político novo ou antigo que se vote, ele assumiu o poder vira um safado igual aos demais que só pensa no seu bolso e no seu benefício*”, sintetiza uma entrevistada de João Pessoa, e o fazem ver a política como algo sujo.

Mostra também o lado clientelístico por trás das reclamações dos eleitores em relação aos políticos nacionais e, também, indicam um lado trágico desse desordenamento: a descrença da política e a anomia produzida por este ceticismo, bem como, uma visão da política como um lugar onde “*o sujeito pode se dar bem*”, como insinuou um entrevistado de São Paulo.

O que parece afirmar os dados de uma enquete realizada em 2005 pelo Ibope. Esta enquete mostrou que 67% dos entrevistados afirmavam que, se estivessem no poder, faziam a mesma coisa que os políticos que lá estão: roubar e colocar a máquina política a seu favor.

Dados constrangedores que demonstram o imaginário do jeitinho pessoal, já tratado pelo antropólogo carioca Roberto DaMatta (2001) sobre a forma de ser do brasileiro. Ou da expressão popular: “*rouba, mas faz*”, como forma síntese do político que se dá bem, mas também executa obras, tão comum na política nacional desde meados da década de cinquenta do século passado.

Nunca, porém, a política foi tão mal vista no imaginário popular como nos últimos anos. Em várias respostas os entrevistados ampliavam o seu argumento com a indicação do “*voto porque sou obrigado*”, e da intenção de votar nulo ou em branco, “*pois todos os políticos, no fundo, são iguais*”: o que equivale a desonestos e que só pensam em si. Espelhando a desilusão com a política, com os políticos e com os poderes constituídos no país.

## Conclusão

A categoria sujeira, analisada neste trabalho, e como foi visto no seu decorrer, é uma categoria analítica importante para a reflexão e para a compreensão do comportamento e do pensamento social do homem brasileiro urbano, sobre o Brasil e sobre o imaginário do que é considerado sujo e sentido como ameaças na vivência cotidiana dos informantes.

Pelo demonstrado parece ter ficado claro a relevância da sujeira para a reflexão antropológica e sociológica, na medida em que destacam os elementos ou idéias que preenchem os sistemas de classificação social hegemônico na cultura nacional, por trás daquilo pensados e afirmados como anomalia, como ambiguidade e como marginal e excluído. Mostrou, ainda, que a noção de sujeira trás em si, umbilicalmente situada, a idéia de uma ofensa contra a ordem e contra aos valores sociais positivos idealmente regidos e alimentados pelo sistema de classificação hegemônico cultural e suas ambiguidades na prática diária de sua vivência.

A categoria sujeira, aqui analisada, por fim, pôs ainda em relevo as correlações estabelecidas entre as estruturas do sistema social nacional e as formas mais ou menos explícitas de autoridade, com os elementos de poluição e infração que com eles interage como tensão e como enfrentamento.

Dentro de um ângulo da moralidade, mostrou o sentimento de vergonha, de baixa estima dos entrevistados ao informarem o sujo no cotidiano da cidade, das residências e das pessoas, permitindo uma via de mão dupla: de um lado, permitindo a formação de estigmas sociais, na objetivação de que algo ou alguém não é limpo, de acordo com os critérios de uma moralidade que classifica e desclassifica os outros da relação.

Dentro de um ângulo onde a ética espelha as classificações sociais ideais, por outro lado, o trabalho mostrou a importância da categoria sujeira para explicitar e apontar falhas no caráter e nas instituições sociais, como lido pelos entrevistados com relação à política e aos políticos nacionais.

A pesquisa só está começando. Este artigo é um dos primeiros esforços para a compreensão da categoria sujeira e a sua leitura através do imaginário urbano brasileiro, onde se buscou analisar o país em termos de sua cultura política e do seu sistema de classificação social, dos medos e receios, do comportamento e dos costumes dos informantes. A forma como foi conduzido, por fim, se acredita, permite levar o leitor para um passeio pelas vivências, ansiedades, reflexões e comparações emitidas pelos entrevistados que se dispuseram responder a enquete. Traçando um panorama sobre como pensa o habitante urbano das grandes cidades e metrópoles brasileiras sobre o conceito de sujeira.

## Referências Bibliográficas

ÀRIES, Philippe. 1989. **O homem diante da morte**, 2ª edição, 2 vols., Rio de Janeiro, Francisco Alves.

BARBOSA, Livia. 2006. "Cultura, consumo e identidade: limpeza e poluição na sociedade brasileira contemporânea". In, Livia Barbosa e Colin Campbell (Orgs.), **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro, Editora da FGV, pp. 107 a 138.

BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio. 1980. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira

BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio. 1992. **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa – ilustrado**. 15ª edição, São Paulo, Civilização Brasileira

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. 2000. **A cidade dos muros**. São Paulo, editora 34 e EDUSP.

CONY, Venus Brasileira. 2005. **Mural dos nomes impróprios**. Ensaio sobre o grafite de banheiro. Rio de Janeiro, sete letras.

DaMATTA, Roberto. 2001. **O que faz Brasil, Brasil?** 11ª edição, Rio de Janeiro, Rocco.

DAVID, Onildo Reis. 1995. **O inimigo invisível**. A epidemia do cólera na Bahia, 1855-1856. Salvador, Edição do Autor.

DAVIS, Natália Zemon. 1990. **As culturas do povo**. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

DINIZ, Ariosvaldo da Silva. 2001. “A iconografia do medo”. In, Mauro Guilherme Pinheiro Koury (Org.), **Imagem e Memória**. Ensaaios em Antropologia Visual. Rio de Janeiro, Garamond, pp. 113 a 149.

DOUGLAS, Mary. 1976. **Pureza e Perigo**. São Paulo, Perspectiva.

DOUGLAS, Mary. 2005. **De la souillure**: Essais sur les notions de pollution et de tabou. Paris, La Découverte.

DUMONT, Louis. 2007. **Homo Hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações**. 2ª edição. São Paulo, EDUSP.

DURKHEIM, Émilè. 2000. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo, Martins Fontes.

ELIAS, Norbert. 1990 e 1993. **O processo civilizador**. 2 vols., Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

FERRAZ, Sonia Maria Taddei. 2001. **Arquitetura da violência: morar com medo nas cidades**. Quem tem medo de que e de quem nas cidades brasileiras contemporâneas? <http://br.monografias.com/trabalhos/arquitetura-violencia-cidades-contemporaneas/arquitetura-violencia-cidades-contemporaneas.shtml> (acesso em: 10 jun. 2009)

FLEISCHER, Soraya Resende. 2002. **Passando a América a limpo**. O trabalho de *housecleaners* brasileiras em Boston, Mass.. São Paulo, Annablume.

FORTY, Adrian. 2007. **Objetos de desejo**. Design e sociedade desde 1750. São Paulo, Cosac & Naify.

FOUCAULT, Michel. 1986. **Vigiar e punir**. Nascimento da prisão. 4ª edição, Petrópolis, Vozes.

FOUCAULT, Michel. 2007. **História da sexualidade I: a vontade do saber**. 18ª edição, São Paulo, Graal.

GIDDENS, Anthony. 2004. **A Transformação da Intimidade – Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas**. São Paulo, Editora da UNESP.

GOFFMAN, Erving. 1967. **Interaction ritual**. New York, Anchor Books.

GOFFMAN, Erving. 1988. **Estigma**. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª. Edição, Rio de Janeiro, Guanabara.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2009). “O que pensam os moradores da cidade de João Pessoa, Paraíba, sobre o significado de sujeira”. **1ª Comunicação sobre a enquete ‘Sujeira e Imaginário Urbano no Brasil’**. Blog GP em Antropologia e Sociologia das Emoções, 22 de maio de 2009. <http://grem-sociologiaantropologia.blogspot.com/2009/05/o-que-pensam-os-moradores-da-cidade-de.html>

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2009a). “O que é sujo ou sujeira para os habitantes da capital pernambucana”. **2ª Comunicação sobre a enquete ‘Sujeira e Imaginário Urbano no Brasil’**. Blog GP em Antropologia e Sociologia das Emoções, 26 de maio de 2009. <http://grem-sociologiaantropologia.blogspot.com/2009/05/2acomunicacao-sobre-enquete-sujeira-e.html>

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2009b). “O que é sujo ou sujeira para os habitantes da capital paraense”. **3ª Comunicação sobre a enquete ‘Sujeira e Imaginário Urbano no Brasil’**. Blog GP em Antropologia e Sociologia das Emoções, 05 de junho de 2009. <http://grem-sociologiaantropologia.blogspot.com/2009/06/3a-comunicacao-sobre-enquete-sujeira-e.html>

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2009c). “O que os moradores da cidade de São Paulo (SP) apontam como sujo ou sujeira – 2009”. **4ª Comunicação sobre a enquete ‘Sujeira e Imaginário Urbano no Brasil’**. Blog GP em Antropologia e Sociologia das Emoções, 09 de junho de 2009. <http://grem-sociologiaantropologia.blogspot.com/2009/06/4a-comunicacao-sobre-enquete-sujeira-e.html>

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2009d). “O que os moradores da cidade de Curitiba (PR) apontam como sujo ou sujeira – 2009”. **5ª Comunicação sobre a enquete ‘Sujeira e Imaginário Urbano no Brasil’**. Blog GP em Antropologia e Sociologia das Emoções, 28 de junho de 2009. <http://grem-sociologiaantropologia.blogspot.com/2009/06/5a-comunicacao-sobre-enquete-sujeira-e.html>

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2009e). “O que os moradores da cidade de Brasília (DF) apontam como sujo ou sujeira – 2009”. **6ª Comunicação sobre a enquete**

**‘Sujeira e Imaginário Urbano no Brasil’**. Blog GP em Antropologia e Sociologia das Emoções, 01 de julho de 2009. <http://grem-sociologiaantropologia.blogspot.com/2009/07/5a-comunicacao-sobre-enquete-sujeira-e.html>

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 1986. “Trabalho e disciplina. Os homens pobres nas cidades do Nordeste: 1889 a 1930”. In, VV.AA. **Relações de trabalho e relações de poder: mudanças e permanências**, v. 1, Fortaleza, Editora Universitária UFC, pp. 134 a 149.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 1998. “Fotografia e Pobreza”. In, Mauro Guilherme Pinheiro Koury (Org.). **Imagens & Ciências Sociais**. João Pessoa, Editora Universitária UFPB, pp. 109 a 118.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2003. **Sociologia da Emoção**. O Brasil urbano sob a ótica do luto. Petrópolis, Vozes.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2005. **Medos corriqueiros e sociabilidade**. João Pessoa, Editora Universitária UFPB.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2006. **O vínculo ritual**. João Pessoa, Editora Universitária UFPB.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2007. **Sufrimento social**. João Pessoa, Editora Universitária UFPB.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2008. **De que João Pessoa tem medo?** João Pessoa, Editora Universitária UFPB.

KRISTEVA, Julia. 1986. **The Power of horror: an essay on abjection**. New York, Columbia University Press.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1970. **El origen de las maneras de mesa**. México, Siglo Veintiuno.

MAUSS, Marcel. 1974. **Sociologia e Antropologia**. 2 vols., São Paulo, EPU/EDUSP.

REBOUÇAS, Lídia Marcelino. 2000. **O planejado e o vivido: o reassentamento de famílias ribeirinhas no Pontal do Paranapanema**, São Paulo, Fapesp/AnnaBlume.

REIS, João José dos. 1991. **A morte é uma festa**. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo, Companhia das Letras.

SÁ, Lenilde Duarte de. 1999. **Parahyba - uma cidade entre miasmas e micróbios**. Os serviços de higiene pública, 1985-1918. Tese. Ribeirão Preto, USP.

SENNETT, Richard. 1998. **O declínio do homem público**. As tiranias da intimidade. São Paulo, Companhia das Letras.

SIMMEL, Georg. 1998. “O conceito e a tragédia da cultura”. Organizado e apresentado por Jessé Souza e Berthold Öelze, **Simmel e a modernidade**. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, pp. 79 a 108.

SONTAG, Susan. 1977. **On photography**. Middlesex, Penguin Books.

SOUZA, Marcelo Lopes de. 2008. **Fobópole**. O medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

THOMPSON, Edward Palmer. 1989. **A formação da classe operária inglesa**. 2ª edição, 3 vols., Rio de Janeiro, Paz e Terra.

VERNANT, Jean-Pierre. 2002. **Entre mito & política**, 2a edição, São Paulo, EDUSP.

WEIL, Simone. 1979. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Organizado e Apresentado por Ecléa Bosi. Rio de Janeiro, Paz e Terra.